

## HOUVE "REVOLUÇÃO" NO BRASIL DURANTE A "REPÚBLICA VELHA"?

Maria Lúcia de Souza Rangel RICCI

Nossa intenção nestas rápidas linhas é apenas a de trazer à reflexão o que entender por "revolução", a fim de aquilatarmos o que ela representou em alguns momentos ao longo dessa trajetória histórica brasileira. Salientamos que o assunto se reveste de caráter polêmico, sobretudo nos dias que vivemos, em que o país está atravessando uma fase difícil cuja concreta solução definirá nossa vida ulterior, ou seja, a liberação nacional, a emancipação econômica pela liquidação do domínio imperialista sobre as fontes de nossas riquezas, o que importará, sem dúvida alguma, em radical mudança na estrutura do Estado Brasileiro.

Assim, antes de tudo, devemos considerar a própria origem da palavra "revolução": toda revolução é uma promessa de vida melhor, o compromisso de novo princípio de vida. Não é, pois, por acaso, que tal palavra nos vem da astronomia, do estudo do mundo planetário. A mecânica celeste, Copérnico a descreve num tratado que tem o título *De Revolutionibus Orbium Coelestium*. Revolução era assim palavra estelar; depois, desceu do céu, onde significava as rotações dos planetas, para, na terra, significar rotações na vida dos Estados e das sociedades humanas. E, até hoje, na mente dos homens, revolução é palavra propulsora; nela palpita a aspiração para o alto, para o melhor.

Não vamos aqui analisar todas as ambigüidades que o termo encerra; todavia, enfatizamos que a "revolução" é irreversível, até porque provoca mudança estrutural tão profunda que a estrutura derrogada é incapaz de ser restaurada. Com isso, estamos dizendo que "reformas políticas" são movimentos de superfície, reversíveis, enquanto que quando é levada a efeito uma "revolução social", é criada uma nova estrutura sócio-econômica que impossibilita qualquer processo de reversão histórica.

Assim pensando, cremos que, no caso brasileiro, considerada como transformação no seio da sociedade no período que abordamos, a “revolução” teve seus primórdios a 5 de julho de 1922, quando, nas areias de Copacabana, Siqueira Campos e seus companheiros escreveram a epopéia dos “18 do Forte”.

Novamente, a 5 de julho de 1924, em São Paulo e, depois, com a marcha da “Coluna Prestes”, a “revolução” brasileira conheceu novos momentos de expansão nacional. Ocorreu em 1930, data em que as oligarquias rurais e a burguesia comercial principiaram a perder o controle do poder político, substituídos pela classe média ascendente, cujo idealismo se exprimiu no movimento conhecido por “Tenentismo”. Observe-se, todavia, que o movimento de 30 foi de caráter reformista e não revolucionário, uma vez que não chegou a promover alterações na estrutura da sociedade brasileira e muito menos qualquer ruptura profunda na ordem social dominante.

1930 foi, portanto, apenas o início de uma revolução. Talvez por isso mesmo é que desde 1922 os movimentos insurreicionais brasileiros, por terem sido sempre movimentos de classe média, determinaram ao processo político geral apenas a história de uma revolução malograda. Dessa forma, a “revolução” brasileira fracassada em 22 e em 24 e semi-frustrada em 30, permitiu 1937, primeiro surto fascista no país.

E então? Não tivemos “revolução” no país durante a “República Velha”? Reflitam comigo: revolução não deve provocar crise como as que verificamos ao longo do processo histórico... Daí pensarmos que as reformas ocorridas, chamadas mesmo de base, pouco ou quase nada representam, pois não resolveram o impasse criado por uma sociedade incapaz de superar suas próprias contradições, apesar de o Estado, a partir dos anos 50, haver estabelecido seu comando sobre o avanço do capitalismo (sobretudo no que se refere a uma direção econômica), deixando claro que o corporativismo estatal, desde os anos 30, foi prevalente na articulação direta dos setores sociais aos órgãos centrais de decisão. Daí considerarmos, vista da perspectiva de novembro de 1930, o que foi a chamada “revolução”, apenas mais um capítulo na história das lutas entre as elites, em lenta transformação, e cuja dominação da política brasileira vinha desde a Independência. pelo fato de não haver no país, em 1937, condições para um movimento revolucionário popular de grande envergadura, já que o povo estava “embaçado” por algumas “conquistas sociais”, aceitou o Estado Novo sem organização, sem liderança, enfim, esperando... E será que nos dias que atravessamos a liberdade suprema, que é a liberdade de viver num clima de igualdade e fraternidade já foi facultada ao homem brasileiro, que até hoje está atrelado ao reino das necessidades? Por que não conquistá-la?...